

# **XXXIII Encontro Anual da Anpocs**

26 a 30 de outubro de 2009, Caxambu - MG

## **Grupo de Trabalho 01: A cidade nas ciências sociais: teoria, pesquisa e contexto**

Coord.: Heitor Frúgoli (USP) e Laura Graziela Figueiredo Fernandes Gomes (UFF)

### **O corpo em movimento: uma etnografia da corporalidade dos *trecheiros* de São Carlos**

Mariana Medina Martinez  
[m.medimartinez@gmail.com](mailto:m.medimartinez@gmail.com)

**Universidade Federal de São Carlos**  
**Programa de Pós-graduação em Antropologia Social**

## UM BREVE HISTÓRICO DA CATEGORIA POPULAÇÃO DE RUA

Muitos conceitos foram elaborados no campo da academia brasileira sobre questões referentes à população de rua, cujas trajetórias teóricas estiveram sempre ligadas à articulação do tema com a problemática da pobreza. Viver na rua não é um tema novo. Os miseráveis urbanos aparecerem em cena com o surgimento das ruas e o renascimento das cidades, no início do capitalismo (Bursztyn 2000).

Ligada à categoria de exclusão social, a situação de rua tem sido representada como um marcador que expressa a máxima condição social de carência, segregação, discriminação e precariedade (Escorel 1998). Enquanto a categoria articula representações sociais da pobreza urbana, à população de rua são atribuídas definições segundo seu contexto de análise. Nos países de língua inglesa são denominados *homeless*, *vadios* em Portugal, *sans domicile fixe* (SDF) na França. A situação de rua ganha conotações diferentes uma vez que tais expressões indicam os paradoxos vividos nas relações econômicas e conjunturais de uma sociedade. É esta leitura relacional que direciona nossas reflexões para compreender como estas variáveis sociais produzem a situação de rua e como se mantém e se amplia esse fenômeno.

No Brasil, a terminologia é ainda mais ampla. Os primeiros estudos caracterizam este segmento<sup>1</sup> como *mendigo*, enfatizando a mendicância como meio de auferir recursos financeiros. As principais autoras são: Stoffels (1977), Neves (1983) e Di Flora (1987). O mendigo, segundo Stoffels (1977), são pessoas deixadas à margem do mercado de trabalho, na sua maioria homens solteiros, migrantes à procura de trabalho em São Paulo, que fazem o exercício da mendicância, encarados ora como incapazes, ora como “malandros”. Estas pesquisas se dirigem essencialmente a abordar à problemática do desemprego no contexto urbano. Vieira, Bezerra e Rosa (1992) realizaram uma pesquisa censitária da população de rua na cidade de São Paulo, e definem a população de rua nos seguintes termos: “população de rua é aquela que sobrevive na rua de forma circunstancial ou permanente como moradia” (*ibid*: 95). De acordo com o argumento, a rua pode ter pelo menos dois sentidos: o de se constituir um abrigo para aqueles que, sem recursos, dormem circunstancialmente na rua, ou de constituir-se em um modo de vida

---

<sup>1</sup> Os primeiros estudos sobre a população de rua são realizados em meados da década de 1970. Antes desse período são poucas as abordagens midiáticas, o que não significa dizer que a categoria morador de rua era inexistente, mas que a questão não possuía uma relevância social. O levantamento de reportagens realizado por Rosa (1999) mostra que ainda não há artigos a respeito na mídia da década de 60.

para aqueles que já têm a rua como seu hábitat e estabelecem com ela uma complexa rede de relações.

Numa outra linha teórica, as pesquisas sobre população de rua apontam a mobilidade e a itinerância como categorias que incidem para uma abordagem que privilegia a dinâmica e socialidade destes grupos, os processos identitários variados, a composição das relações sociais entre estes atores e suas relações com o espaço e o corpo. É utilizada uma gama de termos mais ampla para a classificação dos sujeitos que vivem na rua, tais como: *trecheiro* (Justo e Nascimento 2005), *andarilhos* (Justo 2000), *nômade urbano* (Magni 1994). Nesta abordagem, as pesquisas deslocam o foco do desemprego para a dinâmica da rua, procurando incidir sobre temas que ilustrem suas vivências nas ruas, a apropriação do espaço público, a construção do espaço privado nas ruas, a fabricação do corpo sob tais circunstâncias. O desemprego aparece como um dos fatores explicativos para a saída da casa e a “entrada” para a rua, mas não como a questão que orienta as pesquisas. Emergem destas investigações etnográficas diversos elementos que apontam as causas da situação de rua – alcoolismo, doenças mentais, perda de entes familiares, etc. No entanto, a prioridade destas investigações não se volta para a origem inicial da questão (saída de casa), mas para a dinâmica das relações que se estabelecem nas ruas e para o entendimento das realidades vivenciadas por estes atores.

A situação de rua é um fenômeno de ampla definição. Emerge desta bibliografia uma heterogeneidade de termos para a caracterização do fenômeno, cuja multiplicidade nos abre a possibilidade de refletir sob uma nova óptica. A população de rua não é homogênea; ela é constituída de sujeitos com trajetórias de vida e trajetórias de ruas múltiplas.

As nomeações indicam de forma não consensual que o fenômeno da rua é uma questão social ainda em vias de desenvolvimento, a saber, é sustentada e discutida por uma pluralidade de saberes e poderes institucionalizados.

Dentre a população de rua de São Carlos, esta pesquisa relata a vivência dos *trecheiros* na cidade. Esta etnografia pretende entender a dinâmica de construção e concepção do corpo dos *trecheiros* e os principais elementos que compõem a socialidade entre estes atores, como são pensadas as relações entre a produção do corpo e a utilização das instituições que os assistem, as diversas formas de se apropriar e se deslocar pelos

espaços urbanos, a construção de redes entre tais agentes.

A etnografia dos *trecheiros* nos revela o corpo como o indicador social da situação de rua e comunicador desta vivência. É no corpo que se carregam as marcas da violência e da precariedade, os cheiros da rua e a materialização de suas histórias de vidas. As enunciações das trajetórias de rua estão expressas no corpo – locus de produção e expressão das relações sociais. O corpo emerge como um suporte simbólico e político em que as intermediações com outros corpos, nas interfaces dos espaços urbanos, vão delineando o corpo da rua.

Relato os movimentos tecidos nas malhas urbanas, a inserção e movimentação da população de rua em espaços possíveis de circulação, os rearranjos criativos diante da escassez material que estes sujeitos enfrentam.

Da rua emergem novas trajetórias, sob as quais uma dinâmica particular costura movimentos, espaços, interlocuções. Nas andanças pelas cidades vão se constituindo novas interações simbólicas, novas territorialidades no espaço urbano.

### **O TRECHEIRO NO TRECHO**

No universo simbólico dos *trecheiros*, os *trechos* são espaços urbanos apropriados, por onde eles *pingam* (transitam). “Pegar um *trecho*” é uma expressão utilizada para caracterizar a movimentação da população de rua. Toda cidade possui um ou mais *trechos*, de modo que o trânsito de *trecheiros* pode se dar dentro de uma mesma cidade ou intermunicipalmente sendo que, na maioria das vezes, as duas práticas coexistem. Esta etnografia foi realizada na Praça Nossa Senhora do Carmo, o principal ponto de fluxo entre os migrantes e itinerantes da cidade<sup>2</sup>. A composição do grupo que ali passa é bastante diversa, com faixa etária que varia entre 20 e 50 anos de idade, a maioria do sexo masculino.

Embora a praça seja um lugar público, a população de rua que ali frequenta atua em um processo de apropriação e significação destes espaços urbanos. Para a demarcação física (e simbólica) do espaço, os *trecheiros* distribuírem seus pertences em bancos e escadarias

---

<sup>2</sup> A Praça Nossa Senhora do Carmo localiza-se próximo ao Albergue Noturno da cidade. Todos os *trecheiros* recém-chegados em São Carlos, ao saírem do albergue, passam por esta praça e se encontram com outros *trecheiros* que nela permanecem. A praça, ainda, é frequentada por migrantes que chegam na cidade para trabalhar na Usina Açucareira da Serra, próxima à cidade de São Carlos.

da praça. As árvores também podem ser utilizadas para guardar suas mochilas, panelas e marmitas.<sup>3</sup>

No *trecho*, os códigos e valores compartilhados são determinados e negociados pela *banca* (termo utilizado para denominar um grupo de *trecheiros*), assim um sujeito pode não ser aceito pela *banca* ao quebrar os códigos de condutas negociados. Embora o *trecho* seja o lugar apropriado pela *banca*, o cotidiano dos *trecheiros* consiste em transitar constantemente pelos espaços urbanos. Alguns lugares são parte de suas rotinas que incluem espaços para o *mangueio* (pedido de esmolas), para o lazer, para a aquisição e o uso de drogas, para receber ajuda de instituições que assistem à população de rua.

Os banheiros públicos são inexistentes na cidade. Deste modo, os *trecheiros* desta praça utilizam os banheiros do Cemitério Nossa Senhora do Carmo (que se localiza ao lado da praça). Frequentam, também, os velórios onde procuram comida e olham os carros ali estacionados para ganhar alguns trocados.

O percurso de um *trecheiro* recém-chegado na cidade é traçado por alguns pontos nos quais são avaliadas algumas estratégias de sobrevivência. De modo geral, são pontos para o *mangueio*, doações de comida, venda de drogas. As praças são locais onde é possível dormir, reunir-se com a *banca*, tomar pinga e comprar drogas. Na praça central da cidade que se localiza ao lado da Catedral de São Carlos é realizada uma instalação chamada Posto de Rua “Eurípedes Barsanulfo”, onde realizam a oferta de sopão, produtos de higiene, roupas, entre outros (mais informações ao longo do texto). A rodoviária é o local mais apropriado para pedir dinheiro já que o fluxo de pessoas neste espaço é constante em qualquer dia ou horário da semana.<sup>4</sup> Os *trecheiros* também frequentam os restaurantes e churrascarias próximas à praça onde ganham comida que sobrou das refeições. Além disso, pedem dinheiro nos semáforos e olham os carros estacionados em frente à praça em troca de algumas moedas.

Diante da realidade do *trecheiro*, a categoria *correria* assume uma conotação de extrema

---

<sup>3</sup> Uma *trecheira* apresenta a praça para mim. Cada uma das árvores foi nomeada segundo um cômodo de uma casa. Ela guardava seus pertences nos galhos mais altos de modo que ninguém pudesse dar-se conta deles. No “quarto” guardava uma mochila com suas roupas. Na “cozinha” havia algumas panela e garrafas *pet*. Na “despensa” guardava em alguns recipientes sua comida.

<sup>4</sup> Na rodoviária é possível abordar pessoas novas na cidade o que é visto como algo positivo pela população de rua pois, ainda são desconhecidos para estas pessoas. É muito comum o sujeito em situação de rua ficar conhecido na cidade pelos seus pedidos de esmola que, muitas vezes, pode ser uma situação desfavorável para conseguir seus trocados.

importância. *Correria* diz respeito aos mecanismos de busca e aquisição de pinga, drogas, comida e medicamentos, bem como o dinheiro necessário para a realização dessas trocas.<sup>5</sup> É essa partilha e troca de bens por meio da *correria* que se estabelece uma relação de *respeito* na *banca*. O termo *respeito* é de extrema importância para a organização do grupo, pois, trata-se de um conjunto de valores compartilhado entre eles que, dessa maneira, garante consonância à *banca*.

O consumo de pinga é unânime e, portanto, as *correrias* feitas para a compra desta é colocada em comum na *banca*. Mesmo quando alguém não pode colaborar no rateio não são impedidos de consumir a bebida.

A reciprocidade é um princípio importante para a sobrevivência na rua uma vez que os bens são entendidos para a coletividade e não apenas individualmente, assim como é levado em conta não apenas o dinheiro que se recolhe, mas os bens que são partilhados e as ajudas que são prestadas à *banca*. A *correria* e os sistemas de trocas materiais entre os *trecheiros* permitem o estabelecimento de alianças através da circulação de bens e prestação de favores, uma vez que a circulação garante a ajuda mútua entre eles e a divisão de bens. É diante desta dinâmica de trocas e o estabelecimento de laços de reciprocidade, seja num *trecho*, ou em diversos deles, que os *trecheiros* de São Carlos afirmam que “ninguém passa fome aqui, um olha pelo outro”.

## **RELAÇÕES DE GÊNERO E RESPEITO**

Casos comuns de brigas ocorrem em torno da disputa feminina nas *bancas*, embora haja um código de respeito que manejam as relações sexuais e afetivas. As mulheres que convivem em grupo mantêm relações sexuais monogâmicas, ou não. Nos casos que pude acompanhar, as mulheres é quem deve demonstrar seu interesse pelos parceiros, ou então, nos casos em que o homem demonstra o interesse, é preciso passar pela aprovação da mulher.

As mulheres são vítimas de muitas violências nas ruas. A maioria delas prefere dormir no Albergue Noturno, pois assim, estão protegidas da violência policial ou mesmo de tentativas de estupros feitas pela própria população de rua. Algumas mulheres preferem

---

<sup>5</sup> Não há uma obrigatoriedade prévia das práticas a serem realizadas, ao contrário, cada *trecheiro* faz a *correria* da maneira que lhe convier; alguns roubam outros não.

pernoitar nas ruas, geralmente para o consumo de drogas<sup>6</sup>, e, nestes casos, é imprescindível a presença de uma companhia de confiança (seja homem ou mulher) e, até mesmo, o uso de algum utensílio (faca, estilete, pedaço de madeira) para sua defesa.

A maternidade mostrou-se como algo importante para a constituição da mulher, sendo que o papel de mãe era visto como fundamental tanto sob o olhar dos homens e mesmo sob algumas falas das mulheres. Uma *trecheira* conta sobre seus planos de ser mãe, mesmo um médico ter lhe diagnosticado a impossibilidade da maternidade depois de uma facada que tomara no ventre. Um outro exemplo interessante foi quando um *trecheiro* comentava sobre ter deixado sua última esposa porque ela não queria lhe dar mais filhos: “Não quero uma árvore que só dê sombra, tem que dar frutos também”.

A formação de famílias na rua é visto como muito receio seja pelas complicações do parto (e/ou gravidez) e agressões físicas (na gestante e/ou na criança). Mulheres gestantes que recorrem ao Albergue Noturno nos últimos meses de gravidez (8 ou 9 meses), geralmente são acompanhadas até o nascimento da criança<sup>7</sup>. Neste período, elas permanecem cotidianamente na instituição sob a responsabilidade dos profissionais que ali trabalham. Após o nascimento, a mãe deve encontrar meios para sair da situação de rua (voltar para casa da família, morar em pensão, etc), caso contrário, o Conselho Tutelar<sup>8</sup> toma a guarda da criança. São comuns os casos em que a gestante (nos últimos meses da gestação) não procura o Albergue (e preferem dormir nas ruas) para ter direito à maternidade. Há casos em que o casal sai das ruas, volta a morar com a família ou em pensão para não perder a guarda da criança.

## **O TRECHEIRO E O PARDAL**

Existem diversas maneiras de se viver na rua que exemplificam como o processo de saída

---

<sup>6</sup> Não é permitido no Albergue Noturno o consumo de bebidas alcoólicas ou drogas ilícitas. É muito comum a população de rua pernoitar nas ruas para realizar o consumo destas substâncias.

<sup>7</sup> Mulheres gestantes recém-chegadas na cidade, geralmente recorrem ao Albergue Noturno para serem encaminhadas as UBS (Unidade Básica de Saúde) e hospitais para os exames pré-natais. Muitas delas não possuem documentos, por isso, recorrem às instituições de assistência para conseguir uma consulta médica.

<sup>8</sup> O Conselho Tutelar é um órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar, cumprir e fazer cumprir os Direitos da Criança e Adolescente. Sua atuação abrange toda a área urbana e rural de São Carlos. É composto por cinco membros, escolhidos pela comunidade para mandato de três anos, sendo permitida uma recondução.

Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/cidadania-social/115288-conselho-tutelar-de-sao-carlos.html>

de casa é feito de modo variado. Segundo os *trecheiros* eles classificam em três maneiras: **a.** alguns alternam vivência na rua com vivência em residência da família; **b.** possuem família em São Carlos, mas vivem na rua; **c.** não permanecem num lugar fixo por muito tempo. Estas três classificações acabam produzindo diferenciações e singularidades entre eles. Pude perceber em campo a utilização dos termos *trecheiro* e *pardal*.

O *trecheiro* é aquele que não pára em lugar nenhum, vive na rua, pingando de cidade em cidade e sobrevivendo do *mangueio* e da *correria*. Ambas as categorias são definidas a partir da territorialidade, sendo que o *trecheiro* está relacionado com a instabilidade e transitoriedade e a categoria *pardal* seu inverso; aquele que se fixa territorial e afetivamente num *trecho*. O movimento é o princípio que articula as diferenciações na população de rua e as trajetórias de ruas. Trata-se de categorias opostas e complementares uma vez que só é possível definir a figura de *trecheiro* a partir da oposição do *pardal*. Todos os sujeitos abordados se auto-denominam *trecheiros*, o *pardal* é sempre a categoria para reconhecer o “outro”. Esta dinâmica se dá por conta da aproximação dos atributos identitários do *pardal* ao “morador de rua”<sup>9</sup>. A definição do morador de rua esteve sempre associada a uma série de elementos estigmatizadores que acabaram por formar um conjunto de discurso em torno da loucura, drogadição, vagabundagem, alcoolismo.

O estilo de vida ideal de um *trecheiro* nunca é percebido de modo integral, já que a composição deste é feita diante de tais critérios: instabilidade no território, fazer *correrias*, não utilizar os serviços assistencialistas. A construção da categoria está associada a um eixo moral que remete o termo *trecheiro* a uma lógica de mobilidade nômade, uma escolha individual de um estilo de vida que presa pela liberdade e desapego material-afetivo, enquanto o conceito *pardal*, por ser seu inverso, está mais relacionado a um comodismo, a falta de opção, ao abandono dos parentes e amigos.

## O CORPO DA RUA

A trajetória na rua é essencialmente corporal. O corpo é transformado por inúmeros

---

<sup>9</sup> O termo morador de rua foi negado por todos os *trecheiros* da praça, isto se dá por conta dos atributos estigmatizantes atrelados ao termo. No entanto, este termo foi utilizado apenas por aqueles que não compartilham da vivência do *trecho*.



processos que singularizam a experiência deste segmento na cidade. Nas marcas e nos cheiros, o corpo da população de rua codifica sua classificação social; em sua condição precária, expõe gradualmente o aprendizado de sobrevivência e denuncia o tempo que se prolonga nas ruas.

Desprovidos de qualquer suporte material, é no corpo que se carregam as marcas da violência, os cheiros da rua e a materialização de suas histórias de vidas. Esta corporalidade se produz ao revés do projeto corporal contemporâneo; são mecanismos de controle e eliminação aplicados ao corpo da rua. Os confrontos sociais e simbólicos vividos pela população de rua estão apreendidos no corpo porque é nele que a dimensão simbólica desta realidade está ordenada.

O principal vetor de suas trajetórias é a itinerância e tal lógica é também aplicada na construção de seus corpos. Viver na rua requer práticas de sobrevivência diária, assim como constatamos nas práticas de aquisição de alimentos seja através de *correrias*, seja nas instituições.

Dentre os cuidados com o corpo, a nutrição dele parece ser o mecanismo que melhor exemplifica como a experiência da rua se recria cotidianamente e, ao mesmo tempo, como se notam os elementos prioritários de saúde e alimentação para a vivência na rua. Para além de se pensar o consumo de certas substâncias enquanto práticas de sobrevivência, a dinâmica de aquisição destas reflete um exercício de construção diária do corpo em que a itinerância é o principal eixo orientador destas práticas.

A pinga é a principal substância consumida pelos *trecheiros* (e por quaisquer outros perfis da população de rua). A pinga é o principal vetor de socialidade na *banca* e a mais importante substância que nutre este corpo da rua.

A bebida revela-se como um poderoso símbolo que articula toda a experiência do *trecheiro* no *trecho*. O consumo cotidiano e unânime da bebida por toda a população de rua é regulado, calculado e direcionado para que o efeito do álcool proporcione um estado de bem-estar. A pinga, portanto, torna-se uma substância ambivalente a partir da qual pode-se atingir um estado de saúde e de doença.

A principal potência da pinga, e que faz com que seu uso seja tão recorrente, é a capacidade de alterar a consciência. Este estado, por si só, não possui uma conotação nem positiva nem negativa. A alteração da consciência pode promover a sensação de

*ficar na brisa* o que influencia na descontração e união entre eles. Ainda outra função importante da pinga – e que faz com que esteja constantemente presente no cotidiano da rua – é expressa em seu potencial em produzir saúde e influenciar na dinâmica da socialidade.

O *ficar na brisa*, a emergência do estado de alerta (ficar esperto, ficar ligeiro)<sup>10</sup>, a euforia e animação são efeitos produzidos pelo álcool que produzem a saúde do sujeito, isto porque estas são condições primordiais para a vivência na rua e para a realização do *mangueio* e da *correia*. Muitos de meus interlocutores afirmam a dificuldade de *manguear* por vergonha de exporem suas situações. Os efeitos da pinga podem estimular a descontração do sujeito para fazer suas *correrias*. Além disso, o estado de alerta é importante para se protegerem das possíveis vulnerabilidades da rua como frio, violência policial, brigas. Todos estes fatores são possíveis graças ao uso contínuo e consciente da bebida.

A alteração da consciência (*ficar na brisa*) causada pela pinga pode ser uma agência de estabilização emocional que permite alterar os malefícios da memória. As más lembranças remetem à trajetória da população de rua antes de “cair na rua”, tais como família, brigas, frustrações, perdas. A pinga age como um vetor de saúde quando tais lembranças não devem ser revividas e podem ser controladas ou manipuladas pela alteração da consciência, uma vez que a ruptura nas relações familiares é essencial para a vida no *trecho*.

O mesmo vetor “produtor de saúde” pode transfigurar-se em doença, desajustar este corpo da rua e trazer complicações para o sujeito ou para todo o grupo. Uma frase emblemática revela o consumo controlado do álcool: “a gente que tem que beber a pinga e não a pinga beber a gente”; isto porque o consumo excessivo faz com que a pessoa pare de comer, enfraqueça e se perca na pinga.

O uso descontrolado da pinga é um fenômeno que causa desajuste nas *bancas*. O sujeito pode perder de vista os limites impostos pelo grupo, tornando-se uma ameaça para todos. A pinga pode alterar o comportamento do sujeito, dentre eles, a população de rua destaca: comportamento agressivo, corajoso e sentimental (retorno das lembranças).

---

<sup>10</sup> Para viver na rua é preciso ser esperto, de acordo com o que me contam meus interlocutores. Dentre as condutas mais importantes da rua, o “ser ligeiro” é a principal delas. “Ser ligeiro” significa não se colocar em confusão, não ser pego por ninguém, estar sempre em alerta.

Num outro sentido, o consumo abusivo do álcool deixa o corpo fraco e causa dependência. A relação feita entre a fraqueza do corpo e a pinga é estabelecida pelo consumo ininterrupto de pinga durante um período médio de 10 dias. Neste período, o sujeito pára de comer e bebe cerca de 1 a 2 litros de pinga durante o dia. O corpo fica fraco porque perde as capacidades motoras e mentais. É nesta fase em que o sujeito “é bebido pela pinga”.

Os efeitos negativos atrelados à pinga articulam o plano físico e moral do sujeito. O descontrole motor ou emocional significa a perda da capacidade de cuidar-se de si, e a quebra das redes de socialidade.

O consumo da pinga é visto como uma prática consciente e opcional de cada sujeito, por isso, o uso controlado depende de um critério pessoal. É interessante notar que em situações nas quais “a bebida bebe a pessoa” a associação entre o corpo doente “tomado pela pinga” não se refere ao alcoolismo, bem como é visto segundo um discurso médico.

A recuperação do corpo fraco realizado através da abstinência do álcool é um processo rápido que visa, principalmente, a desintoxicação do corpo. “Perder-se na pinga” ou recuperar-se dela é uma escolha que cada sujeito deve fazer. Abandonar o hábito de beber quase nunca é posto como uma possibilidade de escolha.<sup>11</sup>

O uso da pinga quase nunca é denunciado como dependência. Além da possibilidade de proporcionar o bem-estar, o álcool é um mecanismo de socialização. Na rua, não há formulações sobre o hábito de beber enquanto uma doença.<sup>12</sup>

Diferentemente, quando se está doente por qualquer outro motivo que não a bebida, casos como gripes, infecções e inflamações, são tomadas algumas medidas quase sempre envolvendo a regulação do uso da pinga, e neste caso, os procedimentos terapêuticos são acompanhados por toda a *banca*. Na maioria das vezes em que um dos membros está passando por procedimentos terapêuticos, o grupo parece agir de maneira a impedir que

---

<sup>11</sup> Edemilson Campos (2005) comenta que para os Alcoólicos Anônimos a abstinência do álcool atua como um princípio terapêutico e como um valor para orientar a reorganização pessoal e coletiva da vida do bebedor. Diferentemente deste discurso, o consumo do álcool nas ruas é uma condição necessária para viver nas ruas. A noção de saúde e doença entre ambos os discursos são configuradas em princípios diferentes.

<sup>12</sup> Os resultados da Pesquisa Nacional sobre População em situação de rua revelam que 62% dos entrevistados afirmam não possuir nenhum tipo de problema de saúde. Outros 30% afirmam ter algum tipo de doença, dentre elas: hipertensão (10,1%), problema psiquiátrico/mental (6,1%), HIV/Aids (5,1%) e problemas de visão/ cegueira (4,6%).

faça uso de pinga, sendo que a suspensão desta contribui (juntamente com a utilização de remédios em alguns casos) para a própria experiência da cura. A abstinência da pinga é fundamental para a cura do sujeito uma vez que a mistura desta com algum tipo de remédio vem a se tornar tóxica para o organismo.<sup>13</sup>

De modo geral, podemos dizer que beber pinga é uma maneira de reafirmar seu estado de saúde e isto implica a capacitação para as *correrias*, o controle das lembranças, o “estado de alerta”; fatores primordiais para se viver na rua. Seu consumo é feito por uma opção consciente de cada sujeito, por isso, seus efeitos são manejados segundo um cálculo que prevê a promoção de estados emocionais desejados (seja *ficar na brisa*, ficar completamente embriagado ou “perde-se na pinga”).

Em contrapartida, a abstinência da pinga está sempre atrelada a um processo de cura e conseqüentemente a um estado de doença. Além disso, ao mesmo tempo em que a bebida é um vetor de saúde e socialidade, ela pode também ser causa de desestabilização do sujeito, e, é neste sentido que a pinga age como um intermediador entre a saúde e a doença.

## **MARCAS NO CORPO**

As marcas são símbolos que comunicam situações de violências e de precariedades, denunciando o corpo vulnerável na situação da rua. No corpo emanam feixes de poder, condensam processos de exclusão. Nele também emanam expressões culturais que diariamente reconstrói a própria percepção do corpo da rua.

As marcas na pele são símbolos que codificam todos os embates que circundam o universo da população de rua. Toda a sujeira do asfalto e os castigos do sol aparecem nas peles mais expostas a estes fatores. A pele também indica como cada sujeito se desloca pela cidade. Os freqüentadores de Albergue aderem aos banhos diários, a pele fica menos encardida e machucada. Aqueles que não freqüentam os Albergues ficam com a pele muito suja e machucada.

---

<sup>13</sup> É importante destacar que esta concepção (de que a mistura de remédio e bebida é necessariamente tóxica) diferencia-se daquela compartilhada pelos grupos altamente medicalizados, na qual o uso do álcool elimina os efeitos do remédio, idéia esta pautada em categorizações bioquímicas.

O limite entre o sujo e o limpo é manipulado pela população de rua de forma ambígua. A fabricação do corpo sujo ocorre de forma gradual, conforme a adesão da socialização na rua, às degradações do clima, ao uso contínuo do álcool – fatores próprios da movimentação pelas ruas. Contudo, em função do estigma conferido a esses corpos, a população de rua se esforça para uma boa aparência e por um corpo limpo, afim de se afastarem da imagem do estigma. É muito comum a população de rua brincar com estes limites, criando aparências conforme a convém. Quando querem apelar para a imagem do mendigo, usam da imagem do “sujo”, mas quando estão em busca de emprego, seu corpo deve ser “limpo”.

As tatuagens e cicatrizes são marcas constantes no corpo do *trecheiro*, tais insígnias corpóreas operam na construção e atualização da memória. Cada marca inscrita no corpo traz em si a história e a trajetória de vida de cada sujeito; estas inscrições corporais reativam o passado e comunicam a particularidade de cada *trecheiro*.

As tatuagens associam-se às suas trajetórias de vida, refletindo experiências passadas como a passagem pelas penitenciárias, ou através de nomes ou figuras representando filhos, ex-cônjuges, familiares e situações específicas; como ilustra o exemplo de um *trecheiro* que tatuou no corpo a figura de um menino com o rosto na lata de cola. Isto talvez demonstre – e ainda mais pelo fato de que embora ele tenha feito uso de cola no passado atualmente apóia a não utilização desse tipo de droga – a capacidade da tatuagem de estabelecer diálogos com o passado.

Assim como as tatuagens, as cicatrizes também possuem um potencial simbólico que realiza esta ponte com o passado. São marcas de ferimentos mal curados, tiros, facadas, espancamentos, atropelamentos. Estas marcas estão fortemente associadas à violência que os sujeitos sofreram na família, nas instituições que já passaram e nas ruas.

As marcas adquiridas na rua, também se tornam memória para o *trecheiro* e operam como um reafirmador da situação de rua, da vulnerabilidade do corpo e da construção de um corpo machucado e frágil.

Outra característica do corpo da rua é que ele carrega peso. Os habitantes da rua possuem mochilas ou sacolas para guardar seus pertences. Estes acessórios são chamados de *galo*. Geralmente são guardados objetos pessoais para higiene diária (sabonetes, desodorantes, pente, escova de dente, papel higiênico, absorvente feminino), algumas peças de roupa,

cartas e fotografias. Apenas os documentos não são guardados no *galo*, eles devem estar sempre junto ao corpo para evitar sua perda. A valorização dos documentos é dada pela funcionalidade prática cotidiana como o cadastro para utilização do Albergue, viagens e até mesmo em fiscalizações policiais. Além disso, o fato de se constituírem como um grupo estigmatizado reafirma o valor dos documentos, já que possuir uma identificação formalizada e burocrática é uma das únicas maneiras, para eles, de se exercer uma cidadania efetiva: “sem documento a gente não é nada”.

Os *trecheiros* estão numa mobilidade espacial constante, por isso, possui seus pertences sempre junto ao corpo. Em suas mochilas carregam o essencial para a vida na rua. O *galo* é uma marca distintiva na população de rua que caracteriza fortemente o estilo de vida na rua. Além da funcionalidade prática do *galo*, dadas as dificuldades de armazenamento e transporte dos pertences, a impossibilidade de se carregar excedentes explicitam o movimento contínuo pelos espaços urbanos.

O *galo* é mais do que um receptáculo de posse do sujeito é como a própria extensão de seu corpo. Nesse sentido, ele representa algo como uma memória corporalizada. Cartas e fotografias criam elos com o passado e tornam a memória “materializada” nos objetos. A memória (e seu excesso) tanto pode se manifestar como uma lembrança afetiva boa quanto um fardo da lembrança de experiências ruins, sendo que “se o *galo* tá pesado vira um fardo”.

Através das marcas corporalizadas a população de rua atualiza sua experiência neste contexto, já que estas operam como possibilidades de construir, destruir, reconstruir e atualizar a memória na esfera do corpo. O corpo vai se modelando na rua e tudo depende de suas trajetórias pelos espaços urbanos. Ele é mais do que um suporte, pois dele emanam todas as relações que os sujeitos vivem.

## **PRODUÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS DA DOAÇÃO**

A vida na rua desdobra-se sobre o impasse da sobrevivência. Tal premissa perpassa e costura discursos múltiplos que emanam de esferas políticas e ações civis. Frente à proliferação de atores coletivos, entidades religiosas e organismos estatais - a fim de conter e regular o fenômeno da rua - a imagem da população de rua se edificou, fundamentalmente, nas práticas de mendicância.

Por meio desta prática, alguns desdobramentos são articulados em torno das práticas de doações – o principal mecanismo que replica o fenômeno da vida nas ruas. A doação coloca em relação a população de rua e a cidade, isto porque, emergem na cidade redes de assistência à população de rua, formadas por organizações civis e instituições municipais. Estas redes constituem um aparato assistencial de extrema importância para a sobrevivência nas ruas. Neste circuito, formaliza-se uma rede de apoio, principalmente em torno do provimento da alimentação e cuidados básicos com a saúde.

Nas organizações civis e nas doações pessoais, edifica-se uma rede de assistência e um circuito de doações demarcados em espaços específicos para esta prática. Deste modo, a inserção e movimentação da população de rua na cidade é experimentada em espaços possíveis de circulação, regulados pela lógica da doação.

Em São Carlos tive acesso ao grupo Posto de Rua “Eurípides Barsanulfo”, baseado na doutrina espírita kardecista. O grupo de voluntários teve o início de suas atividades no ano de 2002. As instalações do Posto de rua acontecem todos os domingos na praça central de São Carlos. No local são apresentadas palestras com temas que se relacionam com a situação de rua, tais como álcool, drogas, trabalho, família, saúde.<sup>14</sup> Depois das palestras são oferecidas sopas e frutas. Na instalação, acontece o “posto higiene” com corte de cabelo, barba e unhas; curativos e doações de kit higiene (sabonete, creme dental, escova de dente, papel higiênico, entre outros).

O Posto de Rua é de extrema importância para a população de rua da cidade, já que todos os estabelecimentos se encontram fechados nos finais de semana. Neste local, freqüentam muitos perfis da população de rua (*trecheiros, pardais, albergados*, etc).

Este espaço constitui um local próprio para a doação à população de rua. Dado o caráter desta territorialidade, o Posto de Rua consegue concentrar um grande número de sujeitos em situação de rua num espaço público sem que haja intervenções policiais ou reclamações da população civil.<sup>15</sup> De modo geral, a população residente de São Carlos

---

<sup>14</sup> Ver mais detalhes em Anais do Seminário Nacional População em Situação de rua. Disponível em: <http://www.senaposirua.ufscar.br/anais>

<sup>15</sup> A polícia civil de São Carlos costuma abordar de forma muito agressiva alguns grupos de pessoas em situação de rua, sem que estes sujeitos estejam violando a lei ou atentando à ordem pública. Outros casos comuns acontecem quando moradores da cidade ligam para a polícia ou para o Albergue Noturno para retirar a população de rua de suas calçadas.

costuma fazer reclamações quando a população de rua aproxima-se das redondezas de suas residências.

As doações são mediadas em espaços próprios para sua prática. Fazem parte do circuito das doações e da prática do *mangueio*, espaços de grandes fluxos urbanos, assim como rodoviária, Mercado Municipal, centro da cidade, locais próximos aos restaurantes, supermercados e bancos. Estes são alguns espaços onde a população de rua é minimamente aceita para realizar seu *mangueio*. Os *trecheiros* novos na cidade, geralmente, recorrem a estes espaços urbanos para fazer o *mangueio*. Aqueles que já conhecem a cidade por mais tempo, recorrem aos estabelecimentos onde acabam por ficar conhecidos.

De modo geral, os pontos de grande movimentação de pessoas e veículos acabam por camuflar a população de rua. Quando o corpo está sujo e machucado (aparência de “morador de rua”) é freqüente a expulsão destes sujeitos das calçadas e de estabelecimentos.

## **A PRODUÇÃO DO MOVIMENTO E O ALBERGUE NOTURNO**

O ato de caminhar configura-se de dois modos: o andar a pé pelas estradas ou utilizar os serviços de passagens dos albergues. Geralmente, a caminhada destina-se à procura de novos empregos ou à busca de possibilidades de sobrevivência em outras cidades. O movimento de caminhar só é produzido uma vez que o sujeito não constitua vínculos com a cidade, seja por um trabalho ou laços familiares.

O *trecheiro* possui um rumo incerto. Ele pára nas cidades que melhor oferecem oportunidades de sobrevivência ou de trabalhos<sup>16</sup>. No entanto, estes trabalhos, na maioria das vezes, são informais. A rotatividade de empregos e a ocupação temporária em serviços remunerados retroalimenta o movimento itinerante.

---

<sup>16</sup> A associação da itinerância e a pobreza é verificada particularmente no gênero masculino das classes trabalhadoras. O “discurso da mobilidade” é notado na vida de famílias pobres e trabalhadoras, cujo papel do chefe de família se cristaliza na função de provedor da unidade familiar. A dificuldade de prover a família e a busca de novas possibilidades de renda, aparece nas expressões “ir à luta”, “correr atrás” e “ter que se virar” (ESCOREL 1998: 257).



A circulação é a característica da população itinerante e a rede de serviços assistenciais impulsiona os *trecheiros* em sua circulação. O melhor exemplo desta prática são os Albergues Noturnos.

### **Sos Albergue Noturno Santa Isabel**

O SOS Albergue Noturno Santa Isabel é uma entidade filantrópica, fundada em 1963. A instituição mantinha-se de doações e prestava assistência às famílias carentes e itinerantes que chegavam em São Carlos. Nos anos 80, a instituição estava a ponto de ser fechada, mas, a Prefeitura de São Carlos assumiu uma parceria institucional com o financiamento integral à instituição. Até então, o governo municipal não desenvolvia nenhuma ação direcionada aos cuidados da população de rua da cidade.

O albergue tem o expediente das 18h às 7h, sendo que só é permitida a entrada espontânea de usuários das 18h às 20h. A partir desse horário, são realizadas rondas noturnas nas quais funcionários do albergue oferecem estadia àqueles que estão dormindo nas ruas. O atendimento é composto pela oferta de serviços para a pernoite, duas refeições diárias (café da manhã e janta), banho e fornecimento de passagens para aqueles que não são de São Carlos.

A ronda noturna é uma prática cotidiana realizada pelo motorista do Albergue. A cidade de São Carlos foi mapeada em zonas e pontos de referência. Durante toda a semana o motorista deve fiscalizar todas as zonas, convidando o “morador de rua” para se dirigir ao Albergue ou senão expulsá-lo do local. Aqueles que preferem pernoitar na rua acabam escondendo-se em lugares públicos para que a ronda noturna ou policiais não os achem.

O fornecimento das passagens é realizado duas vezes por semana (terças e sextas), para quatro destinos predeterminados (Rio Claro, Araraquara, Descalvado e Itirapina). As passagens são doadas conforme o destino do “itinerante/migrante” que, geralmente são encaminhados para a cidade mais próxima da sua escolha. Trata-se de uma política voltada excepcionalmente para àqueles que não possuem um endereço na cidade de São Carlos e, associada à norma que prevê um tempo máximo de permanência desses no albergue (três dias), reflete uma postura de controle das políticas públicas municipais da população de rua, que tenta evitar a permanência e até a criação de vínculos na cidade.

Embora os *trecheiros* façam uso dos serviços do Albergue, ainda assim reapropriam as

normas institucionais e os serviços oferecidos por ele. Um exemplo a ser citado é a forma com que se utilizam das passagens para *pingar de trecho em trecho*. Muitos deles se aproveitam destas brechas ao dizerem que vão procurar trabalho em outras cidades ou vão voltar para suas cidades. Um outro exemplo de reapropriação das políticas se dá quando alguns *trecheiros* excedem os três dias de permanência no Albergue. Tal prática é entendida com certa flexibilidade já que os funcionários preferem oferecer tais serviços a deixá-los nas ruas.

De acordo com a visão do Albergue, existem três diferentes tipos de usuários: “morador de rua”, aquele que não se adapta mais a um estilo de vida rigoroso e disciplinado; o “migrante”, aquele que viaja com toda a família em busca de emprego, procurando habitualmente trabalhar no corte de cana ou de caseiro em chácaras; o “itinerante”, aquele que transita de cidade em cidade, que “vive do expediente de itinerante”. Nas palavras do diretor geral do albergue: “*Trecheiro* é o itinerante, *trecheiro* como o próprio nome diz, ele vive do *trecho*, aqui em São Carlos, São Paulo, Rio Claro, Descalvado. Não interessa, ele veio de Araraquara. Araraquara mandou ele pra Descalvado, já teve em Itirapina, então o que que ele faz? Ele ia pra Rio Claro, não deu, ‘pumba’ pra Descalvado, de Descalvado, ele já tá meio mal visto aqui e ‘pumba’ pra Porto Ferreira, em Porto Ferreira, ele vai pra outra cidadezinha e ‘pumba’ em Ribeirão, quando chegar em Ribeirão, pá pra São Carlos. Esse é o *trecheiro*, ele vive de expediente”.

O Albergue Noturno, como um centro de encaminhamento, recolhendo e repassando itinerantes, impulsiona estes sujeitos numa movimentação contínua.

## **CAMINHAR E PARAR**

Os pés calejados são um grande símbolo desta vivência cotidiana. Geralmente calçados pelos chinelos *havaianas*, as rachaduras e cortes são conseqüências de muito caminhar, do asfalto, da falta de medicamentos. Este caminhar independe de uma fixação espacial, já que, mesmo aqueles que se fixam numa cidade, continuam caminhando pelos espaços públicos para realizar suas *correrias*, para ir em busca dos atendimentos assistenciais.

Alguns *trecheiros* procuram sobreviver nas cidades sem recorrer à malha institucional. Dormem nas ruas, tomam banho em lugares públicos. Para dormir na rua é preciso se

esconder, por isso, os *trecheiros* procuram casas abandonadas e terrenos baldios para o pernoite que são chamados de *mocós*.

A possibilidade de se fixar numa cidade ocorre quando há oportunidades de trabalho, possibilidades de bicos, redes de serviços assistenciais. Muitos migrantes chegam em São Carlos à procura de trabalho na safra da cana<sup>17</sup>. Geralmente, estes trabalhadores permanecem em pensões enquanto estão trabalhando, mas, assim que são dispensados dos serviços eles voltam para rua. O trabalho é uma questão central que decide a situação do sujeito, uma vez que esse movimento de voltar para pensão e “cair na rua” ocorre constantemente.

O corpo também espelha a condição de trabalhador. Enquanto empregados, o corpo deve ser cuidado: assepsia pessoal, roupas novas e limpas, diminuição do álcool, corte de barba e cabelo. A principal distinção da população de rua é a estética e a construção do corpo da rua.

O discurso do trabalho aparece com frequência nas falas daqueles que se fixam nas cidades, para aqueles que ainda têm expectativas de sair da rua. Embora muitos deles consigam empregos e os deixem facilmente, o valor do trabalho permanece com igual importância. O discurso é importante para quando os sujeitos se fixam nas cidades – levando a crer que a idéia de trabalho é mais importante que o trabalho em si.

Scorel (1998) comenta sobre o trabalhador enquanto uma identidade social:

“A centralidade dos vínculos com a esfera econômico-ocupacional determina que o trabalho seja o critério que confere a legitimidade e a dignidade da existência do cidadão. Os processos nesse âmbito estão fortemente relacionados à identidade e auto-estima do indivíduo- trabalhador-cidadão de modo que a análise de trajetórias de vulnerabilidade e desvinculação na dimensão ocupacional deve estar permanentemente orientada em duas direções: as condições de vida do trabalhador, incluindo possibilidades de poupança e perspectivas de futuro (mobilidade social) e, em paralelo, porém com características próprias, a constituição do trabalho como ‘sistema identitário’, referencial de comportamentos e valores do trabalhador. Dessa forma deve ser analisada a posição que o trabalhador ocupa tanto na estratificação socioeconômica quanto

---

<sup>17</sup> Próxima à cidade de São Carlos, a Usina Açucareira da Serra S/A contrata muitos migrantes para trabalharem no corte da cana. Enquanto empregados, estes sujeitos permanecem nas pensões da Usina. Esta Usina recebe um fluxo de migração de todo o interior do estado de São Paulo e de alguns estados do nordeste brasileiro.

na estratificação simbólica (valorização social da função)” (SCOREL 1998: 2001).

A identidade do trabalhador está intimamente atrelada à noção de família. Duarte (1986) comenta sobre o valor da família na constituição da pessoa nas classes trabalhadoras. O valor-família abrange uma identidade social, constituída por um programa de reprodução social que abarca uma condição de sujeitos sociais qualificados por certos valores:

“(…) pode-se dizer que se trata, portanto, de um programa de reprodução ‘físico-moral’, por estarem aí implicadas não só a idéia de procriação e o provimento às condições de maturação física da prole (...), como idéia de que essa reprodução ‘física’ deve obedecer a certas condições culturalmente determinadas – o que, aliás, se apresenta para esses segmentos sociais (...) como uma única e mesma coisa; nessa inextricabilidade entre ‘fato’ e ‘valor’ em que se dá a vida concreta” (DUARTE 1986: 175).

Se o trabalhador é pensado enquanto um elemento da família, o trabalho é a força motriz que agrega a unidade familiar. A grande maioria dos homens que estão na rua ressalvam a trajetória dura de trabalho que tiveram durante toda a vida. A identidade de trabalhador permanece intrínseca à constituição da pessoa e a construção do corpo masculino na unidade familiar. Este corpo masculino (homem/marido) está eminentemente associado ao plano da vida pública que é o trabalho. O corpo é dotado de capacidades masculinas: a física e mental. Duarte comenta sobre a dimensão da identidade masculina:

“Essa dimensão formal da identidade masculina só ganha porém seu pleno sentido quando encompassada pela capacidade ‘moral’. Com efeito, esse desempenho no trabalho pela força e pela capacidade ‘mental’ só faz sentido enquanto meio e recurso do objetivo moral abrangente que é o da reprodução do núcleo familiar, pelo cumprimento do preceito de obrigação. (...) Essa categoria designa o corpo dos desempenhos ideais que compõem a identidade masculina adulta e plena e que pode ser resumida sob duas fórmulas recorrentes: o manter o respeito e o botar a comida dentro de casa.”( *op.cit*: 176).

Se a identidade de trabalhador permanece fortificada nos homens das ruas isto nos leva a pensar que o discurso da valorização do trabalho retroalimenta a noção do próprio corpo masculino. No entanto, esta identidade de trabalhador permanece fragilizada pelas rupturas feitas com os familiares, com a casa e com o trabalho, enfim, com o passado antes de “cair na rua”.

Os momentos de paradas do *trecheiro* ocorrem também por conta da degradação do corpo, seja pelo abuso do álcool, por ferimentos, atropelamentos. O *trecheiro* pára de caminhar por algum período porque precisa ter acesso aos serviços institucionais de

assistência e de saúde. Para isso, eles devem recorrer à Secretaria de Assistência Social para fazer o pedido emergencial da consulta médica. Enquanto estiverem sob algum tratamento médico, seja em hospitais ou Unidade Básica de Saúde, eles conseguem estender o prazo limite de permanência no Albergue Noturno.

Sem documentos, estes *trecheiros* devem parar por períodos mais longos nas cidades para atualizar sua documentação, o que requer um período de espera de até seis meses. Enquanto permanecem numa mesma cidade, estes sujeitos dormem nas ruas, evitam a passagem pelo Albergue Noturno para conseguirem permanecer na cidade. Mediante a contratação de algum trabalho (seja ele formal ou não), o *trecheiro* consegue estender sua permanência no Albergue, isto porque, a flexibilização desta política procura dar condições mínimas de subsistência para aqueles que desejam sair das ruas.

## **APONTAMENTOS FINAIS**

A vida no *trecho* é acompanhada por uma estigmatização que envolve a formação de discursos sobre a população de rua, baseados em fatores que articulam a pobreza, a delinquência e a doença. Seus corpos denunciam todos os processos de exclusão que suas vidas estão envolvidas; são marcas de violências, cheiros indesejáveis, consciências alteradas. A vida na rua acaba por formar uma corporalidade que dela emana um projeto corporal distanciado do corpo dócil e saudável.

O *trecheiro* é a prova de que os serviços prestados pelo Estado estão embasados numa cidadania territorializada. Esta fixação territorial é a premissa sob a qual se desenvolve um projeto similar à identidade do trabalhador, pois desta identidade emergem as possibilidades de trabalho, família e direitos civis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BURSZTYN, Marcel. (org.) **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. RJ: Garamond, 2000.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. **Alcoolismo, doença e pessoa**: uma etnografia da associação de ex-bebedores alcoólicos anônimos. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, SP, 2005.

DELUCCA, D. **A rua em movimento**: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vidas de rua em jogo**: políticas públicas, segurança e gestão da população de rua em São Paulo. In: Anais do Seminário Nacional sobre População em Situação de rua: Perspectivas e Políticas Públicas, São Carlos, 2008, P. 208 – 218.

DI FLORA, M C. **Mendigos**: porque surgem, por onde circulam, como são tratados? Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

DUARTE, L.F.D. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. RJ: Jorge Zahar Ed., 1986.

ESCOREL, S. **Vidas ao léu**: uma etnografia da exclusão social. Tese de Doutorado – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, DF, 1998.

FRANGELLA, S. M. **Corpos urbanos errantes**: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. Tese de doutorado, Departamento de Antropologia - IFCH-UNICAMP, Campinas, 2004.

FRUGOLI JUNIOR, H. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez, Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **O urbano em questão na antropologia**: interfaces com a sociologia. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2005, V. 48 N° 1.

GRANADO, K; MURGO, A; SARTORI, J. **Trabalho voluntário em prol da população em situação de rua: o caso do Posto de Rua “Eurípedes Barsanulfo” no Município de São Carlos-SP** In: Anais do Seminário Nacional sobre População em Situação de rua: Perspectivas e Políticas Públicas, São Carlos, 2008, p.162 -169

MARTINEZ, M M. **O corpo nos trechos**: um ensaio etnográfico da corporalidade de moradores de rua em São Carlos. Monografia apresentada ao departamento de Ciências Sociais da UFSCar, SP, 2007.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa Nacional sobre População em situação de rua**. DF, 2008.

ROSA, Cleisa M.M. **Vidas de rua, destinos de muitos**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Estudos Pós- Graduados em Serviço Social – Puc-SP, São Paulo: 1999.

SEEGER, A.; DAMATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. 1987 [1979]. "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras". In: J. Pacheco de Oliveira Filho (org.), **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Editora Marco Zero, 1987.

VIEIRA, A.; BEZERRA E.; ROSA C. **População de Rua** – Quem é, Como Vive, Como é Vista. São Paulo: Hucitec; 1992.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A fabricação do corpo na sociedade xingüana**. Boletim do Museu Nacional, nº 32, junho, 1979.